

Às Margens do Velho Chico Nascem as Histórias¹

Ana Carla Nunes da SILVA²

Marcia Guena dos SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Juazeiro

Resumo: O presente artigo se propõe a apresentar os passos que foram seguidos até se construir um Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, baseado nas histórias e fotografias, de comunidades remanescentes quilombolas de Juazeiro, Bahia. Assim, neste trabalho vão ser apontados quais foram os aportes teóricos necessários para construção e desenvolvimento do livro fotoetnográfico. Durante as 97 páginas do livro, contendo 60 fotografias, onde são apresentadas as histórias de três moradores de três comunidades distintas, da cidade já mencionada, do mesmo modo em que são atreladas imagens que demonstram e apontam os espaços e situações rotineiras que rodeiam cada personagem.

Palavras chaves: Fotografia; Fotoetnografia; Comunidades Remanescentes Quilombolas; Memória.

INTRODUÇÃO

No livro desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, três comunidades remanescentes quilombolas foram retratadas através de textos e imagens. Os territórios foram aqueles nos quais estão as comunidades do Quipá, Barrinha da Conceição e Alagadiço.

A relação com estes locais foi iniciada ainda durante as experiências obtidas a partir da participação como bolsista em um projeto de pesquisa desenvolvido na UNEB "*Perfil fotoetnográfico das populações quilombolas da região do Submédio São Francisco: Identidades em Movimento*", coordenado pela professora Márcia Guena. As histórias de construção e desenvolvimento desses territórios são contadas por seus moradores mais velhos.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na categoria Jornalismo, modalidade produção em fotojornalismo (avulso / conjunto e série).

² Aluna líder, graduada do curso de Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios, da Universidade do Estado da Bahia, UNEB. Email: anacarl Nunes19@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios. Email: marciaguena@gmail.com

Assim, para desenvolver e construir o TCC, se viu necessidade elaborar um livro contato as histórias e memórias de tais locais por meio de perfis e fotografias. A obra “*Às Margens do Velho Chico Nascem as Historia*”, possui 97 páginas onde estão retratadas as memórias de Antônio Cândido de Brito Filho, o seu Tônico, Roberta Maria dos Santos Oliveira, a dona Roberta, e Alvina dos Santos, dona Vinô.

Além dos perfis dos três personagens, o material reúne 60 fotografias dos perfilados em vários momentos: em casa realizando atividades rotineiras, manifestações religiosas, entre outras situações. Cada foto foi pensada e planejada para que fosse possível o desenvolvimento de narrativas contadas através delas, sem necessidade do uso de textos que apontassem a significação de cada uma. Os registros fotográficos possuem sua importância e representatividade de forma individual.

Para que fosse possível construir o livro e realizar os registros, fez-se necessário realizar estudos sobre fotoetnografia, fotografia, entrevistas e construções de perfis, além de conceituar e fazer menção as comunidades remanescentes quilombolas no Brasil. Dessa forma, a obra foi construída tendo maior parte de suas páginas dedicadas às ilustrações.

OBJETIVOS

A produção do livro contendo as histórias e fotos sempre foi uma das propostas pretendidas desde que foi iniciada a experiência no projeto de pesquisa, isso porque o material confeccionado pode ficar a serviço dos locais para que sirva como documentação a cerca dos territórios. A obra tem como intenção colaborar com a construção da memória local.

Para isso, foram utilizados como principais fontes metodológicas os perfis e a fotoetnografia, por entender que essa seja a melhor maneira de apresentar as histórias dos personagens, tendo em vista, a possibilidade em explorar o lado humano de cada entrevistado. As fotografias formam narrativas que contribuem para o conhecimento histórico da comunidade. Isso, na medida que, não se pretende complementar os textos, mas significar um discurso em si.

O trabalho de conclusão de curso se realizou o registro da memória histórica dessas comunidades, através de perfis de moradores, dos moradores mais velhos. Com esse

trabalho esperamos contribuir com a construção da memória histórica e imagética desses grupos tradicionais.

JUSTIFICATIVA

A partir das experiências adquiridas ao longo do um ano e seis meses em que pude participar como bolsista no projeto de extensão da Universidade, surgiu o interesse em elaborar um livro que registrasse as histórias e memórias de algumas comunidades remanescentes quilombolas. A partir das entrevistas e conversas com os moradores dos locais é notória a presença da cultura negra de origem africana na região do Vale do São Francisco.

Foi identificada a escassez de informações e dados sobre as localidades que foram pesquisadas durante a construção do trabalho de conclusão de curso. Assim, as histórias vão ser contadas a partir das vivências dos moradores mais velhos, os relatos de memória, por entender que eles são os maiores conhecedores da memória quilombola.

Durante as visitas realizadas quando ainda participava do projeto de pesquisa, puderam ser identificados alguns conflitos relacionados com a luta pela posse de terra na região. Muitas comunidades, por não possuir nenhum registro junto ao Governo ou algum tipo de certificação, perderam parte do território para grandes produtores de frutas da região.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para que a pesquisa fosse elaborada se fez necessário realizar, e incorporar, estudos dos conceitos ligados ao campo da fotografia, fotoetnografia, antropologia visual, perfis, entrevistas e comunidades quilombolas.

Na tese de doutorado de Valdélino Santos Silva, *Rio das Rãs e Mangal - Feitiçaria e poder em territórios quilombolas do Médio São Francisco*, de 2010, encontramos outros referenciais no que tange a conceituação de comunidade quilombola rural:

A esta altura, as populações quilombolas de quase todos os estados brasileiros se organizam e assumem a autoidentificação de “remanescente de quilombo”, na qual a categoria quilombo “adquire sentido ao expressar o reconhecimento de suas formas intrínsecas de apossamento e uso de recursos naturais e de sua territorialidade, descrevendo uma nova

interlocução com os aparatos de poder.” (ALMEIDA, 1998, pag. 13 apud. SILVA, 2010, p. 32)

De acordo com historiadores, muitos negros escravos, para escaparem dos maus tratos dos patrões fugiram e se aglomeravam em comunidades que ficaram denominadas como quilombos. Os quilombos se transformaram então, em símbolo de resistência.

As classes políticas representativas dos interesses de fazendeiros e latifundiários reagem, ao se darem conta de que o tema de quilombo, que nas décadas passadas se caracterizava pela idéia vaga de “resistência negra”, no atual contexto poderia por em risco os interesses hegemônicos dos grandes proprietários de terras no Brasil.(SILVA, 2010, p. 32)

Assim, o conceito hoje aceito pelo campo da Antropologia e de outras áreas das ciências humanas é de que os quilombos representam áreas onde a população negra conseguiu manter a sua existência, antes e após a abolição, estabelecendo laços de ajuda e de solidariedade que conseguiram fazer frente a política excludente do Estado logo nos primeiros anos após 1888.

De acordo com a Fundação Palmares, no Brasil existem 2431 comunidades remanescentes quilombolas certificadas. Na Bahia, do ano de 2004 até 27 de novembro de 2014, foram certificadas 616 comunidades. Em Juazeiro, nenhuma comunidade está certificada. O processo de certificação é acompanhado e realizado pela Fundação Cultural Palmares. Já a titulação de posse de terra é de responsabilidade no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Dessa forma, pode-se entender que identidade e identificação quilombola, estão diretamente ligadas às questões relacionadas com o reconhecimento sobre as perspectivas e histórias que circundam os moradores das comunidades. Assim, por comunidades tradições, se compreende aquelas localidades que se identificam com características, gostos, costumes, religiosidade, entre outros indícios de semelhança.

A FOTOENOGRAFIA

As fotografias vão estar unidas aos textos elaborados com o intuito de representar as comunidades remanescentes quilombolas da região. A modernização fotográfica foi algo que proporcionou a maior eficácia e construção de quaisquer registros. O aprimoramento

das máquinas fotográficas, das imagens e vídeos, permite que o fotógrafo capture com maior eficácia os detalhes do que deseja. O que resultou em uma configuração particular de práticas, usos, imagens e formas. (ROIULLÉ, p. 31)

Utilizamos aqui o conceito de Achutti (2004), que considera a imagem como linguagem principal, ainda que não exclua as demais, mas que consiga condensar uma narrativa. Consideramos também a imagem como expressão, capaz de representar e não apenas documentar, capaz de expressão e não apenas registrar. Ou seja, como acentua Rouillé, estão em jogo aí sensibilidades e olhares, tanto do fotógrafo como do fotografado.

As perspectivas antropológicas para o desenvolvimento e construção do trabalho, se apresentam no momento em que as comunidades são visitadas, diálogos são construídos, entrevistas realizadas, e as percepções são registradas, sejam elas de forma escrita ou em imagens. Dessa forma, se faz primordial a utilização de imagens. O uso da máquina fotográfica e do gravador, que permite o pesquisador desenvolver seu trabalho com maior eficiência.

A fotografia tem contribuído tanto no campo da antropologia como da comunicação para o conhecimento e aproximação dos grupos. Associa diversos aspectos, dois com destaque que é a informação e arte, que contribuem sobremaneira para o conhecimento de grupos sociais.

A primeira função das imagens em antropologia foi (e é) documentar, isto é, criar algo portador de informação que traz em si a inscrição e o registro de um acontecimento observável ou verificável. As imagens poderiam funcionar nesse contexto dentro do espírito de recolha que informava a expansão industrial e colonial, do conhecimento antropológico e de sua dimensão museística. (RIBEIRO, 2005, p. 621)

As fotografias passam a ganhar o seu espaço e representatividade, não mais como complementos, e sim passam a ser e ter função definida. A esse tipo de definição, foi estabelecido o conceito, fotoetnografia. Esse termo foi utilizado pela primeira vez por Achutti, em 1996, durante a sua tese de mestrado. Para que essa definição fosse estabelecida, foi necessário utilizar as contribuições da etnografia:

A etnografia é um método de pesquisa, razão de ser da antropologia e que implica a imersão do pesquisador no cotidiano do outro na busca daquilo que é singular do ponto de vista cultural, aquilo que organiza e dá sentido à vida de um determinado grupo social. A pedra de toque daqueles que são

diferentes de nós, mas que são como nós. Já a fotoetnografia é uma das formas de etnografia que utiliza a fotografia como meio de penetrar, apreender e relatar (no sentido de narrar) a cultura e os valores. (ACHUTTI, 2004, p. 287)

Com as imagens sendo utilizadas para que, como os textos, retratem as histórias, sua forma e representatividade do trabalho são primordiais. Quando a imagem é o principal instrumento para realização da pesquisa, ela é denominada de fotoetnografia e podem estar presentes em vários formatos, como livros, exposições etc. (BONI; MORESCHI, 2007).

A ENTREVISTA

No que tange a apresentação do lado mais humano e aproveitamento das características, sensações e emoções que foram transmitidas durante os encontros, se viu necessidade de contar essas histórias a partir da elaboração de perfis. Esse gênero jornalístico foi escolhido, por achar necessário que o lado humano estivesse evidenciado a todo o momento. Mas, para que a elaboração dos perfis fosse possível, entrevistas tiveram que ser realizadas. A arte da entrevista não se dá apenas através do jogo de perguntas e respostas, é necessário ficar atento ao que acontece durante a ação.

Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo. Um leitor, ouvinte ou telespectador *sente* quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quando no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. (MEDINA, 2004, p. 5)

As entrevistas devem ser realizadas com a intenção de deixar os entrevistados à vontade, para que eles possam contar as histórias de forma mais clara e coerente. O contato direto e a boa relação com os entrevistados oferecem maior desenvoltura e conhecimento para que os textos fossem elaborados.

Após as entrevistas realizadas, transcrições foram realizadas para assim, se ter melhor dimensão sobre que trecho vai ser aproveitado na construção dos perfis. Cada expressão ou palavra característica dos moradores foram preservadas para que não fossem perdidas as identidades de cada perfilado. Isso fará com que o texto se aproxime dos entrevistados.

Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o

grotesco, para "condenar" a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida. (MEDINA, 2004, p. 18)

Para tanto, os textos foram elaborados no formato de perfil, pois a pesquisa se propõe e a recontar as histórias das comunidades baseadas nas vivências, experiências e recordações relatadas pelos moradores. Ainda, leva-se em consideração a aproximação que esse tipo de narrativa traz aos leitores.

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a exigência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê). (BOAS, 2003, pag. 14)

Após a realização das entrevistas se pensou qual seria a melhor forma de retratar e representar o que cada entrevista tinha contato. Esse tipo de texto proporciona maior aproveitamento dos gestos, reações e expressões que os perfilados foram demonstrando ao longo das entrevistas.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro leva o título “*Às Margens do Velho Chico Nascem as Histórias*”, porque as três histórias descritas na obra estão localizadas às margens do rio São Francisco. A obra contém 97 páginas, onde estão disponíveis texto e 60 fotografias das comunidades e dos perfilados. A proximidade com o rio é um dos motivos que faz com que estes locais sejam tão vislumbrados por grandes proprietários de terras e empresas agrícolas, essa região é conhecida pela grande potencial agrícola.

Mesmo tendo visitado sete comunidades remanescentes quilombolas pela região, as três escolhidas foram Quipá, Barrinha da Conceição e Alagadiço por terem moradores que se mostraram articulados e conhecedores das memórias que circundam cada lugar. Foram escolhidos os moradores mais velhos por que foram estes que vivenciaram e recordam sobre grande parte da luta passada por todos os moradores.

Viu-se necessidade de estruturar o livro montando texto e depois imagens. Primeiro o texto de abertura, falando sobre comunidades quilombolas no Brasil e sobre o que o leitor pode encontrar. Depois segue para um texto de abertura; na sequência, são expostos alguns dados sobre as comunidades, são textos breves que contem informações de como chegar aos locais, número de famílias, serviços que estão disponíveis como escolas e postos de saúde.

Ao fim dos perfis está disponível um texto de encerramento, onde é retomada a motivação e objetivação pelo qual se construiu a obra. Para finalizar, tem-se a lista de fotografias com numeração, legenda e autoria da imagem, que foram realizadas por duas pessoas, Ana Carla Nunes da Silva e Raryana Wenethya Cardoso. Optou-se por colocar a relação de imagens no final, por entender que seria melhor para o leitor a interpretação e análise mais limpa das fotografias no interior do livro.

Já no que diz respeito a diagramação, foi levado em consideração que após a elaboração vai se disponibilizar exemplares para as comunidades que contribuíram para a realização da obra. Então, não seriam utilizados recursos gráficos que tirassem atenção dos leitores para os textos e fotografias. As letras foram pensadas em um tamanho maior do que o habitual, 16, pois seria melhor para fazer a leitura. A fonte utilizada foi a *Times New Roman* por ser simples e de fácil compreensão. O texto não foi utilizado em colunas para não haver comprometimento na interpretação e sequenciamento dos textos.

A cor predominando no livro é a vermelha, por ser uma coloração primária e por ter relação com histórias relatadas. No entanto, essa cor foi utilizada em algumas páginas e nos títulos do livro, para que fosse possível o destaque. Os textos seguem a cor padrão e presente na capa, o preto. Essa pigmentação foi escolhida para a capa e o fundo, por terem fotos expressivas que mereciam destaque.

CONSIDERAÇÕES

Adentrar e entender o que se passa em cada comunidade remanescente quilombola, localizada na região de Juazeiro, não é tarefa fácil. Muitos moradores estão atentos ao que acontece ao redor, e tem receio de contar o que sabem sobre as histórias por medo de represálias e até mesmo ameaças. Pois as propriedades são cobiçadas por empresários que vislumbram ocupar os férteis terrenos presente nas propriedades.

As comunidades de Quipá, Alagadiço e Barrinha da Conceição foram as atividades puderam ser desenvolvidas. O desejo de permanecer em locais onde não existem escolas, postos de saúde e água tratada é algo que me parecia distante. Mas pude perceber que mesmo com os problemas peculiares o desejo dos perfilados em permanecer nas casas e lugares onde seus pais nasceram, cresceram era maior do que todas as adversidades pelas quais haviam passado.

Dessa forma, aquele que pode me oferecer motivação e força de vontade para construir essa pesquisa foi o amor pela terra onde vivem. São idosos que tiveram perdas irreparáveis, mortes prematuras, persistência e disposição para enfrentar os obstáculos que foram surgindo ao longo da trajetória de vida de cada um deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Caderno de Campo Digital – Antropologia em Novas Mídias**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n 21, pag 273 – 289, jan./jun 2004.

BOAS, Sergio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo – SP, Summus Editorial, 2003.

BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico**. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf> HYPERLINK "http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf%3e%20Acessado%20em%2015%20de%20março%20de%202011." Acesso realizado em outubro de 2014.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

RIBEIRO, José da Silva. **Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação**. Revista Antropologia, São Paulo, USP, 2005, v. 48, nº 2.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. Tradução Constancia Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SILVA, Valdélcio Santos. **Rio das Rãs e Mangal – Feitiçaria e poder em territórios quilombolas do Médio São Francisco**. Curso de Doutorado do Programa Multidisciplinar de Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2010.